

IMPRESSOS E CULTURA PROTESTANTE: A EDIÇÃO DE TEXTOS DIDÁTICOS RELIGIOSOS (1830-1920)

PUBLICATIONS AND PROTESTANT CULTURE: THE ISSUE OF RELIGIOUS TEXTBOOKS (1830-1920)

Micheline Reinaux de Vasconcelos^{1*}

RESUMO

A partir da pesquisa da multiplicidade de publicações que as instituições e missionários protestantes editaram e distribuíram no Brasil ao longo do primeiro século de missão e atuação no país (c. 1830-1920), percebemos que se tornaram relevantes os impressos de caráter didático, voltados à formação religiosa dos convertidos. O artigo procura demonstrar a atenção que os editores e as instituições protestantes conferiram a esses impressos, evidenciando a busca de conformar uma homogeneidade – de pensamento, de doutrina – dentro, de um lado, do protestantismo no Brasil e, de outro, no seio de cada uma das denominações que obtinham a adesão de brasileiros, procurando formar uma cultura protestante no Brasil.

Palavras-chave: Religião; Educação; Cultura; Publicações.

ABSTRACT

Researching the varied publications, issued and delivered in Brazil by the protestant institutions and missionaries along the first century in which they preached and worked in that country, we realize how relevant didactic protestant printed papers came to be, bound to religious education for the proselytes as they were. The article aims to demonstrate that protestant institutions and press paid strong attention to that kind of publications, pointing to how they tried to shape certain homogeneity – of thoughts, doctrine – inside, by one hand, Protestantism in Brazil, and, in other hand, within every one denomination that was successful in garnering membership and, thence, we may conclude that they contributed to frame a Protestant culture in Brazil.

KEYWORDS: Religion; Education; Culture; Publications.

^{1*} Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Profª da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil. E-mail: m_reinaux@bol.com.br

¹ Nesses dados, não estão incluídas as escolas dominicais dos luteranos. O compilador dos dados, que os retirou de publicações protestantes divulgadas nos congressos que reuniram as diversas denominações naqueles anos, estimava em 2.000 o número das escolas dominicais luteranas e em 20.000 o de alunos; cf. ROSSI, 1936, p. 139.

INTRODUÇÃO

A preocupação com o acesso pelos grupos protestantes ao material didático-doutrinário² esteve presente desde o início da missionação protestante no Brasil. À medida que os esforços missionários começavam a surtir efeito no país, levando à conversão de brasileiros ao protestantismo, tal faceta das publicações protestantes passou a ser mais recorrente. Aliás, a relação entre a adesão às confissões protestantes e a demanda por impressos tornou-se um traço distintivo desses grupos desde que a Reforma se expandiu pela Europa, tornando de uso corrente *Bíblia*s, *catecismos*, *Salmos e livros litúrgicos*. *Mas os impressores protestantes envolvem-se também com trabalhos mais eruditos, destinados aos pastores* (GILMONT, 1999, p. 50).

Compreende-se, assim, que as tentativas de propagação do protestantismo estiveram normalmente relacionadas com a publicação de impressos, o que também pôde ser observado no Brasil, onde as publicações religiosas foram largamente usadas como uma forma de proselitismo junto à população local, à qual os missionários se dirigiram de forma abrangente. A variedade daqueles textos publicados foi por nós pesquisada, englobando toda a imprensa e os impressos protestantes. Ao abordá-los, entendemos as publicações denominacionais como parte constitutiva de uma cultura impressa protestante no Brasil, permeando a formação e consolidação desses grupos no país. No presente artigo, o foco incide num tipo específico de publicação, a saber, os destinados à formação educacional-religiosa dos protestantes no Brasil, entre a década de 1830 e a década de 1930.

Quando afirmamos que tais publicações constituíram uma cultura protestante, temos em mente a acepção que Raymond Williams

² Textos destinados ao ensino dos convertidos e dos candidatos à função de pastor, que tanto poderiam tratar das doutrinas protestantes, de forma geral, ou da doutrina particular de cada uma das denominações.

propõe, a saber, que a cultura envolve, num único domínio, a totalidade da experiência social ou, nas palavras do autor, *trata-se de um conjunto de práticas e de experiências que envolvem a vida toda: nossos significados, [...], nossas percepções formadoras da subjetividade e de visão de mundo* (WILLIAMS, 1980, p. 131-2). A cultura ou, mais especificamente, as produções culturais, não é abordada por Williams como um campo à parte da sociedade. Sua interpretação situa-se na confluência de dois sentidos correntes na tradição de estudos da cultura: de um lado, cultura como “*modo de vida*” global, distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um “*sistema de significações*” bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social; de outro, o sentido mais especializado, [...], de cultura como “*atividades artísticas e intelectuais*” [...] não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as práticas significativas [...] (WILLIAMS, 1992, p. 13).

Ao analisar a produção impressa protestante, é possível trabalhar com uma definição de cultura ou culturas no mesmo viés que outros autores ao analisarem outras formas de publicação: a da cultura *como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes e, portanto, associada a diferentes realidades* (FENELON; CRUZ; PEIXOTO, 2004, p. 9).

Tão logo passaram a atuar no Brasil, os protestantes lançaram mão dos impressos, com vista à formação dos grupos denominacionais, à propagação de seu credo e à difusão de suas ideias. As publicações prestaram-se, igualmente, como campo de disputas com os grupos que consideravam opositores³. Destacamos, nas linhas que seguem, as publicações de caráter didático-religioso de várias dos grupos protestantes, pelo seu papel na busca de

³ Estes temas, assim como os que são abordados no presente artigo, foram estudados em detalhes em minha tese doutorado; cf. VASCONCELOS, 2010.

conformar uma unidade cultural. No entanto, se abordarmos essa produção tanto como constituinte de *culturas*, como de uma *cultura*, deve-se ao fato de que a própria diversidade das práticas e das experiências desses grupos aparece como um obstáculo à busca pela homogeneidade, ou seja, de fazer das *culturas* uma *cultura*.

1 A MENINA DOS OLHOS: OS IMPRESSOS DIDÁTICOS PROTESTANTES E AS ESCOLAS DOMINICAIS

Dois segmentos de publicações, impressos para neófitos e para formação teológica, revelaram-se constantes na produção dos protestantes no período aqui abordado. Com os primeiros avanços de sua inserção no Brasil, tornava-se cada vez mais necessário ensinar aos conversos as doutrinas e princípios da fé protestante (e de cada uma das denominações em particular). Para tanto, os impressos protestantes passaram com frequência a incluir textos de caráter didático. Dentre esses, destacam-se os títulos que se relacionam diretamente às escolas dominicais. De forma a tornar claro em que consistem essas reuniões que se realizam como parte do culto matutino, valemo-nos da definição lapidar do padre Agnelo Rossi:

São as escolas dominicais a menina dos olhos dos protestantes.

Sempre que é possível, junto ao templo ou sala de culto, abre a escola dominical [...]. Consiste esta escola em reunir meninos e meninas, jovens de ambos os sexos, e mesmo adultos, separados em secções, com o fim de ler e estudar a Bíblia e com a obrigação de todos decorarem, cada domingo, ao menos um texto principal, chamado “áureo”. [...] cada seita explica a sua doutrina [...]. (ROSSI, 1938, p. 137)

A realização das escolas dominicais deu-se tão logo se iniciou a missionação protestante no Brasil. Três missionários foram os pioneiros na iniciativa de estabelecer escolas dominicais no país

ainda no século XIX: o metodista Justin Spaulding, em 1836; segundo Kidder, Spaulding *ocupava-se de uma escola diurna para crianças brasileiras e estrangeiras que havia aberto na Rua do Catete, além de uma florescente escola dominical* (KIDDER, 1980, 124). Trabalho semelhante foi iniciado pelos Kalley, em 1855, ficando Sarah Kalley encarregada da educação religiosa em português de crianças, enquanto seu esposo dirigia a *classe dos homens de cor* (ROCHA, 1941, p. 36); o presbiteriano Simonton, igualmente, criou uma escola dominical em 1860, como ele mesmo relata:

No último domingo, dia 22 [de abril de 1860], realizei uma Escola Dominical em minha própria casa. Foi meu primeiro trabalho em português. As crianças dos Eubanks estavam todas presentes, bem como Amália e Mariquinhas Knaack. A Bíblia, o catecismo de história sagrada e o *Progresso do Peregrino, de Bunyan foram nossos textos.* (SIMONTON, 2002, p. 140)

Pode-se inferir a necessidade pelos protestantes de publicações desse gênero pelo aumento da participação dos convertidos nas escolas dominicais das várias denominações, como se vê dos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

**Estatísticas Gerais das Escolas Dominicais
(1915, 1925, 1932)¹**

Anos	Escolas	Alunos
1915	474	17.252
1925	1.275	60.145
1932	2.276	117.842

Fonte: ROSSI, 1938, p. 138.

Vê-se, portanto, que o número de escolas dominicais cresceu cerca de 480%, nos 17 anos em questão, enquanto o de alunos, aproximadamente 680%. Daí a relevância dada pelas denominações aos impressos didático-doutrinários, como será indicado nas páginas que seguem.

Pode-se citar, entre os textos que se destinavam às escolas dominicais, as *Lições para as Escolas Dominicais*, que se subdividia em *lições para os professores e adultos, para os intermediários e para os primários*; a subdivisão das lições devia-se à organização das escolas dominicais, cujas classes são divididas por critérios etários e de gênero. Provavelmente era sobre isso que discorria um outro título: *Como se Organiza e Dirige a Escola Dominical*, versão de José Ferraz; ou ainda *A Escola Dominical em Ação*, de Faris⁴. Os mencionados professores das escolas dominicais, por sua vez, eram oriundos dentre os próprios membros das igrejas, tratando-se daqueles que apresentavam um melhor conhecimento das Escrituras e da doutrina de cada confissão.

Para a formação desses, foram editados periódicos como a revista *Lições Internacionais*, recebida na capital do Ceará, em 1916 (CORTEZ, 2001, p. p. 86). A publicação era dirigida à preparação de professores para o ensino nas igrejas. Igualmente voltada ao ensino dominical nas igrejas, mas destinada aos catecúmenos, era a publicação o *Mensario Juvenil*, que incluía lições para crianças⁵. Citem-se, ainda, as *Lições Bíblicas*, publicadas trimestralmente, entre 1921 e 1928, pelos irmãos J. R. de Carvalho Braga e Erasmo Braga, os primeiros a publicarem, de forma sistemática e contínua, material para as escolas dominicais (BEDA, 1993, p. 137).

Nos próprios jornais protestantes, era possível encontrar textos para a escola dominical. O *Instructor Bíblico*, outra iniciativa

⁴ BIBLIOGRAPHIA Evangelica. *Norte Evangélico. Garanhuns: 31 de janeiro de 1921. Ano XV, N. 3, p. 2.*

⁵ NORTE Evangélico. Garanhuns, 14 de março de 1921. Ano XIV, N. 07, p. 4.

editorial destinada às escolas dominicais, também foi planejado para ser um periódico, mas, tendo malgrado a iniciativa, passou a ser impresso nas páginas do *Norte Evangélico* e publicado em folhetos avulsos, segundo os seus editores *para servir às Igrejas que delles acharem bom fazer uso [...]*⁶. Outras lições foram reproduzidas integralmente nos jornais, como se pode ver do enunciado de uma delas:

A vida de Christo nos Evangelhos Synopticos (assumpto para o ano inteiro).

Resumo do 1º. Trimestre:

Texto aureo: Aos que estavam de assento na região da sombra da morte, a estes apareceu a luz. Math., 4:16.

Catecismo; Preparação; Estudo da lição; Leituras diárias.⁷

A importância concedida pelos missionários e protestantes à escola dominical justificava que se produzissem publicações especialmente dedicadas a ela, como se vê de um discurso proferido na primeira década do século passado por um reverendo presbiteriano:

As escolas publicas, as bibliotecas, a imprensa evangélica, as sociedades de temperança, os hospitaes, as Sociedades Biblicas, as sociedades missionárias, a Associação Christa de Moços, o movimento voluntario de estudantes, as sociedades de jovens, o Exercito da Salvação e a Escola Dominical são organizações comparativamente modernas, e a mais importante de todas ellas é a Escola Dominical.⁸

O autor, um missionário, lista as diversas iniciativas por parte das igrejas protestantes, mas põe a escola dominical em primeiro

⁶ AS LIÇÕES da Escola Dominical. *Norte Evangélico*, 15 de março de 1913, Ano V, N. 10, p. 2.

⁷ UMA AULA da Escola Dominical. *Norte Evangélico*. Garanhuns: 22 de março de 1912. Ano IV, N. 12, p. 3.

⁸ TUCKER, H. C. "A grande importancia da Escola Dominical". *Norte Evangélico*, 28 de outubro de 1909, Ano I, N. 35, p. 3.

lugar. Um outro testemunho da década de 1920, desta vez por um autor brasileiro, reitera a visão que o missionário expusera: *Sabem todos os Ministros Evangelicos a importancia do estudo methodico e sistematico da Palavra de Deus na Escola Dominical. [...] E sabem todos que do trabalho da Escola Dominical depende a Evangelização do Brasil [...]*⁹. Neste ponto, é possível perceber que os líderes protestantes nacionais pareciam ter assimilado as ideias dos missionários sobre o papel do ensino doutrinário.

Desde 1899, ano de seu primeiro congresso, passou a existir a Associação Mundial de Escolas Dominicais, que se dedicava a *organizar tudo o que se refere às Escolas Dominicais* (ROSSI, 1938, p. 136). Em princípios da década de 1920, verifica-se no Brasil que estava em atividade uma instituição com aqueles mesmos objetivos, a União Brasileira das Escolas Dominicais (UBED). A atuação dessa instituição denota a importância das publicações didáticas e, em particular, para as escolas dominicais, uma vez que publicava textos protestantes para o ensino religioso, entre outros¹⁰. No mesmo período, anunciava-se, por meio dos impressos, a organização do dia *Rumo à Escola, dia especialmente consagrado à concentração das escolas dominicais nos Templos Evangelicos*, a ser celebrado no dia 22 de outubro de 1922¹¹. Tratava-se, provavelmente, de dedicar aquele dia à indicação dos membros das diversas confissões a importância das escolas dominicais e de que participassem delas.

Anteriormente, os batistas, por meio de sua primeira convenção em 1907, instituíram uma Junta da Casa Publicadora e uma outra das Escolas Dominicais, as quais foram fundidas, quatro anos

⁹ ANDRADE, Porphirio. “Pelos escolas dominicais”. *Norte Evangelico. Garanhuns, 14 de março de 1921. Ano XIV, n. 07, p. 4.*

¹⁰ NORTE Evangélico. Garanhuns, 21 de janeiro de 1921. Ano XIV, n. 02, p. 3. Divulga a *Historia da Biblia em figurinhas, editado pela UBED.*

¹¹ O SOLDADO Christão. São Paulo: Imprensa Methodista, 1922. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

depois (PLAMPIN, 1982, p. 187, 189). Essa fusão dos órgãos destinados à publicação e ao ensino religioso é reveladora da percepção que os protestantes tinham da inter-relação entre imprensa e ensino-aprendizado doutrinário. A produção impressa com fins de subsidiar o ensino e a aprendizagem doutrinária deve ter-se pautado pelo aumento de convertidos e, assim, pela expectativa de sua participação nas escolas dominicais, como o caso de uma igreja presbiteriana em Fortaleza, da qual informava, em 1916, um reverendo que *Amanhã haverá exame do primeiro trimestre em nossa Escola Dominical, que tem uma matrícula de noventa e tantos alunos* (CORTEZ, 2001, p. 67). Os batistas, por sua vez, contavam, em 1909, com 117 escolas dominicais no país (PLAMPIN, 1982, p. 189). O avanço dessas, duas décadas depois, indica-se pelos números da Tabela 2.

Tabela 2

Escolas dominicais batistas, 1930		
Estado	Escolas dominicais	Alunos
Alagoas	12	625
Amazonas	14	405
Bahía	41	4.000
Ceará, Paraíba, R. G. Norte	9	320
Distrito Federal	30	2.802
Espírito Santo	130	4.200
Goiás	2	55
Maranhão	8	200
Mato Grosso	7	340
Minas Gerais	38	1.301
Pará	9	300
Paraná e S. Catarina	36	1.232
Pernambuco	37	2.004
Piauí	12	755
Rio de Janeiro	130	7.530
Rio Grande do Sul	16	1.112
S. Paulo	69	3.180
Sergipe	4	250
Total	604	30.611

Fonte: Estatísticas das Igrejas da Convenção Batista Brasileira no ano de 1930.
Apud: ROSSI, 1938, p. 80.

Conclui-se por tais dados que o número de escolas dominicais batistas cresceu mais de cinco vezes em cerca de duas décadas (1909-1930), o que indica a mesma tendência observada para o conjunto das escolas dominicais dos protestantes, aproximadamente no mesmo período (ver Tabela 1).

2 LEITE PARA AS CRIANÇAS: OS IMPRESSOS DIDÁTICOS RELIGIOSOS PARA O PÚBLICO INFANTIL

A importância do ensino patenteia-se em outras publicações, parcial ou totalmente voltadas a colaborar para o aprendizado. Mesmo os jornais foram utilizados para tal fim, indo além da publicação de textos para as escolas dominicais. Em 1903, *O Jornal Batista* deu início a uma seção cujo objetivo era essencialmente didático. Afirmavam os editores que costumavam receber *pedidos de irmãos para a explicação de uma ou outra passagem da Escripura Sagrada*. Entusiasmados com tal interesse, declararam que

Se pudéssemos contar em receber regularmente taes pedidos abríamos em nosso jornal uma secção destinada às respectivas respostas, dando [...] a explicação da passagem ou passagens sobre que fossemos interrogados.¹²

A seção foi efetivamente inaugurada, chamando-se *Perguntas e Respostas*, recebendo diversas indagações acerca da Bíblia. Até onde pudemos alcançar, a seção ainda era publicada duas décadas depois de sua criação.

Entre os objetivos desse mesmo periódico incluía-se *dar às crianças alguma leitura intelligivel e instructiva* (CRABTREE, 1937, p. 193); assim sendo, havia uma seção do jornal dedicado

¹² UMA NOVA seção. *O Jornal Baptista*, 10 de setembro de 1903. In: ADAMOVICZ, 2008. Anexos.

ao público infantil, uma vez que se considerava que *as crianças de hoje — futuro e esperança da Seára benedicta — será amanhã confiada o trabalho das Igrejas*¹³. Tratava-se, portanto, de prover um conteúdo eminentemente pedagógico, pois, ao elaborarem-se impressos destinados às crianças, é bastante provável que tivessem em mente o aprendizado, sob várias formas, das doutrinas protestantes e dos conteúdos da Bíblia.

É importante destacar que a preocupação na formação das crianças sempre esteve presente no trabalho dos missionários batistas. Ainda no ano de 1882, um pastor batista norte-americano informa no seu relatório que havia traduzido um catecismo infantil batista (PLAMPIN, 1982, p. 180). Uma publicação bastante semelhante àquela foi o *Catechismo Biblico para as Classes Infantis: Leite para as crianças*¹⁴, cujo autor era Samuel B. Schieffelin, editado no Maranhão, em 1895¹⁵.

Assim como os batistas, os presbiterianos, também desde do início de seu trabalho de evangelização através da imprensa, valorizaram a formação das crianças. Como podemos perceber já no seu primeiro jornal, *A Imprensa Evangelica*, cujo redator afirmava:

[...] confessadamente a instrucção domestica é cousa de primeira importancia (...) Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da Imprensa Evangelica um artigo que possa indicar um methodo conviniente para a satisfação deste dever¹⁶.

¹³ ANDRADE, Porphirio. “Pelas escolas dominicais”. NORTE Evangélico. Garanhuns, 14 de março de 1921. Ano XIV, n. 07, p. 4.

¹⁴ Expressão tirada de uma passagem de uma epístola paulina. Cf. I Coríntios, 3.1-2. In: BÍBLIA. Ed. rev.e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

¹⁵ SCHIEFFELIN, Samuel B. *Catechismo Biblico para as Classes Infantis. Maranhão: Typ. De J. A. de Almeida e Cia., 1895. (Editado por conta da Livraria Evangélica do Ceará).*

¹⁶ IMPRENSA Evangelica, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1864. Ano I, n. 03, p. 8. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

No início do ano de 1865, o mesmo jornal publica uma série intitulada *Breve catechismo para meninos*, uma tradução do inglês. O texto que introduz o catecismo diz: *nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutares, e o fazemos com a melhor boa vontade*¹⁷. Os artigos para crianças ou de histórias que envolvem crianças estão sempre presentes neste jornal, quase sempre acompanhados de pequenas gravuras.

O jornal *Norte Evangélico* incluía uma *Secção Infantil*, que deixou de ser publicada no periódico para ser incluída em outro: *O Mensageiro Juvenil, creado só para as creanças*.¹⁸ Esta nova publicação destinava-se aos catecúmenos *principiantes, primarios e juniores* nas Escolas Dominicais¹⁹. Percebe-se, uma vez mais, a relevância do ensino dirigido às crianças por parte da imprensa presbiteriana.

Os metodistas, por sua vez, publicaram *Nossa Gente Pequena*, da autoria do rev. J. J. Ransom. Uma folha destinada ao público infantil e publicada no final do século XIX (LONG, 1968, p. 158). A *Imprensa Metodista* voltou a dedicar um outro título ao público infantil duas décadas depois. Chamado *Recitativo e Cantos Infantis*, escrito por Thiago Pessanha, tratava-se de um pequeno livro composto de 25 poesias, destinado ao curso primário, com vistas a *desenvolver nas crianças, não somente o gosto pela poesia, mas ainda a preferencia pelo bem e pelo util, estimulando-lhes os bons sentimentos morais e civicos*.²⁰

Para além dos jornais, havia outros periódicos destinados ao ensino. Em 1903, é lançado *O Infantil*, um periódico exclusivamente voltado para as crianças, cujas primeiras duas páginas continham

¹⁷ IMPRENSA Evangelica, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1865. Ano II, n. 07, p. 8. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.

¹⁸ NORTE Evangélico. 21 de Janeiro de 1921, Ano XIV, n. 2, p. 3.

¹⁹ Ibidem, p. 4.

²⁰ NORTE Evangélico. 21 de Janeiro de 1921, Ano XV, n. 17, p. 4.

historietas e gravuras para interessar e instruir as crianças, e, nas outras duas, havia exposições simples das lições da escola dominical. Esse periódico chegou a uma tiragem de 18 a 20 mil exemplares por ano (CRABTREE, 1937, p. 195). Podemos compará-la, para ordem de grandeza, a uma tiragem de um título infantil, cuja personagem principal era *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, que em 1921 teve 30.000 exemplares distribuídos (RUSSEF, 1997, p. 273). Um outro título, *O Amigo da Infância*, já em 1890 atingia o volume 240, sendo vendido avulso²¹.

A distinção de um segmento infantil por parte dos editores protestantes não constituía apanágio seu. O início da contemporaneidade assistiu ao crescimento de uma indústria de literatura infantil, um dos elementos da *descoberta da infância* (ARIÈS, 1981, p. 50, 55), no dizer de Philippe Ariès. Contribuíram para essa indústria os progressos na litografia, que permitiam maior inventividade no tocante às ilustrações de cartilhas infantis. Destaquem-se os abecedários, nos quais a técnica da memorização pelo recurso à sequência do alfabeto era complementada pelo caráter mnemônico das imagens (LYONS, 2002, p. 183). Saliente-se que, nas primeiras décadas do século XX, houve editoras que criaram linhas editoriais dedicadas exclusivamente à literatura infantil, como a Companhia Melhoramentos, cuja *Biblioteca Infantil* atingiu 24 volumes entre 1915 e 1924 (SOARES, 2003, p. 513-5). No acervo protestante que pesquisamos, consta um exemplar desse tipo de material de leitura infantil, embora de caráter pedagógico, como temos enfatizado: uma *Cartilha com Estampas*, a qual foi editada em Nova York, por conta da Sociedade Americana de Tratados²².

²¹ Anunciado na segunda capa do livro O RAPAZ do Realejo ou “minha casa, doce lar”. Lisboa: Typ. De Adolpho, Modesto e Cia., 1883.

²² CARTILHA com estampas. Nova York: Sociedade Americana de Tratados, [s/d.].

Esse gênero de textos era dirigido aos pais, que os leriam em voz alta, mas *seguido em silêncio com os olhos pela criança que escuta*. O catecismo, assim, seria *um suporte da memória* (GILMONT, 1999, p. 61). O recurso aos catecismos indica o predomínio de uma estratégia na qual a oralidade predomina sobre a leitura. As edições destinadas às crianças, com suas gravuras inclusive, pretendiam que a memorização precedesse à explicação.

Algumas observações dos editores e responsáveis pela divulgação e distribuição desse segmento da literatura protestante apontam nesta direção. Comentava um articulista do *Norte Evangélico* que *já têm sido as ilustrações utilizadas no Brasil para ensinar às criancinhas os principaes contos bíblicos do Antigo e Novo Testamento*. Acerca de uma *Historia da Bíblia em Figurinhas*, orientava a forma como os adultos deveriam utilizá-la na catequese das crianças: *O melhor meio de utilizar o album é procurar na Bíblia a passagem indicada, lê-la às crianças ao passo que se vão copiando no quadro negro as figurinhas, ou mostrando-as no album*. Como resultado dessa prática de ensino, esperava-se que as crianças *recitassem depois com muita facilidade as historias*.²³

Alguns anos mais tarde, a preocupação com o segmento infantil também aparece nas páginas do *Almanach Evangelico*. Como indicativo do conteúdo do referido almanaque, produzido na década de vinte, pode-se citar a produção de uma seção infantil e concursos destinados às crianças. Esses concursos eram comuns nas publicações protestantes destinadas ao público infantil, tal como se encontra na seção infantil do *Norte Evangélico*, no qual os editores haviam anunciado uma premiação para crianças que escrevessem um conto e o enviassem ao jornal²⁴.

²³ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano XIV, N. 2, p. 2-3, 21 de Janeiro de 1921.

²⁴ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano 14, N. 1, p. 2, 11 de janeiro de 1921.

3 Catequese e formação: outros impressos didático-doutrinários

Vejamos, então, outros títulos que se prestavam ao uso didático-doutrinário de forma mais ampla. Entre as obras com o intuito de introduzir os neófitos no aprofundamento do conhecimento do protestantismo, assinalamos alguns títulos editados fora do Brasil, na última década do século XIX, e para aqui importados: *Objecções à Bíblia e a melhor maneira de lhes responder* (1896); *Eu não compreendo a Bíblia* (1897); *O Estudo Devoto da Bíblia* (1899); *A Bíblia e o Povo* (1900)²⁵. Já em 1889, a missionária batista Emma Morton, recém-chegada ao Brasil, atuava escrevendo e traduzindo textos para uso nas escolas dominicais (PLAMPIN, 1982, p. 181-2).

Na virada do século, aparecem outros títulos, agora editados no Brasil: *Catechismo da Expição*²⁶; *Catechismo da Nova Jerusalem ou nova igreja cristã*²⁷; *Breve Catechismo da Doutrina Christã*; *Catechismo da Doutrina Christã*²⁸; *A Divina Instituição do Baptismo de Crianças*²⁹; *Catechismos da Doutrina Christã, O Santo Domingo*³⁰. Dentre essas publicações nacionais, salientem-se alguns títulos (parte de um conjunto maior) que foram editados pelo Centro Brasileiro de Publicidade³¹ quais

²⁵ WHATELY, E.J. *Objecções à Bíblia e a melhor maneira de lhes responder*. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva e Cia, 1896; *EU não compreendo a Bíblia*. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva e Cia, 1897; *O ESTUDO Devoto da Bíblia* Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1899; *A BÍBLIA e o Povo*. 5ª. Ed. Lisboa: s/n, 1900. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

²⁶ VAUGHAM, Kenelm. *Catechismo da Expição*. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo, 1882.

²⁷ LA FAYETTE, L. C. de. *Catechismo da Nova Jerusalem ou nova igreja cristã*. São Paulo: Livraria Evangélica, 1902.

²⁸ CATHECHISMO da Doutrina Christã. São Paulo: Weisflog Irmãos & Cia., 1907.

²⁹ PEREIRA, Eduardo Carlos. *A Divina Instituição do Baptismo de Crianças*. São Paulo: Typographia Comercial de H. Rosa, 1905. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

³⁰ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

³¹ O Centro Brasileiro de Publicações era uma instituição inter-denominacional, fundada

sejam: a *Bibliotheca Pedagogica Religiosa* (em 4 vols.); *Que é a Oração e o Significado da Fé*, autoria de Fosdidck; e, finalmente, um *Tratado sobre o dízimo*, de Salman³².

Além de edições destinadas à doutrinação dos neófitos, outros títulos, por apresentarem aspectos mais complexos ou detalhados da fé protestante, visavam principalmente à formação de pregadores brasileiros. Incluíam-se nessa vertente obras como *Princípios de Interpretação da Bíblia* (autor: Barrows), que *trata da linguagem figurada da Escripura, dos typos biblicos e da interpretação da prophesia*; também *O Novo Testamento e seus Escriptores* (autor: Mc Clymont), onde se *explica as circunstancias em que o Novo Testamento foi escripto e trata do auctor, data e conteudo de cada um dos seus livros*; e ainda *Esboço de Theologia* (autoria de A. A. Hodge), *uma das obras mais importantes das que apresentam o systema calvinista na sua inteireza*. Segundo o anúncio, era *livro de classe em muitos Seminarios Theologicos*³³. Essas obras se encontravam à venda na Livraria Evangélica, no Rio de Janeiro. Um outro tipo de publicação protestante que, à primeira vista, pode não parecer estar relacionado ao ensino, são os hinários. No entanto, sua publicação também se inseria entre os que apresentavam conteúdo e objetivos pedagógicos. A respeito da importância concedida pelos missionários aos hinários, podemos aludir ao estudo de Leda Sellaro, quando afirma que

A falta de instrução do povo era um obstáculo ao aprendizado da doutrina e à participação nos cultos protestantes, informais e discursivos, que caracterizam o início da atuação missionária, tendo no cântico um forte elemento conversionista (SELLARO, 1987, p. 158).

em 1921, cujo objetivo inicial consistiu em sistematizar o registro das publicações protestantes no Brasil.

³² BIBLIOGRAPHIA Evangelica. *Norte Evangélico. Garanhuns: Ano XIV, N. 3, p. 1-2, 31 de janeiro de 1921.*

³³ LIVROS Instructivos. In: KILE, F. M. *O fortalecimento da Igreja. São Paulo: Aurora, s/d. (Trata-se de um anúncio ao final do livro).*

Deve-se ressaltar, portanto, que a importância dos hinários vai além do que se poderia imaginar à primeira vista. Embora fossem livros de cânticos para uso dos membros das igrejas, tinham um papel didático, ao permitir, inclusive aos iletrados — que, se não liam, ouviam e aprendiam os cânticos —, o conhecimento da doutrina e de trechos da Bíblia. Seu papel excedia a função litúrgica. Pode-se atestar esse aspecto pelas tiragens dos hinários, cujo número de exemplares era superior ao de convertidos de cada denominação à época. Tal se deve a que os hinários eram distribuídos entre a população como mais um elemento de difusão do protestantismo. *Não se pode esquecer*, diz Azevedo, *como fator de formação e coesão da fé, o hinário* (AZEVEDO, 1996, p. 208), o que justifica sua publicação por todas as denominações protestantes desde então.

Ainda que não se trate de uma publicação especificamente dedicada à pedagogia doutrinal, é possível incluir, finalmente, os almanaques entre os impressos que se prestavam a esse fim. O *Almanaque Evangelico* de José Zaqueu Maia, publicado no Ceará, segundo informava o rev. Cortez, era *uma publicação anual e que tem prestado boa instrução especialmente aos crentes sertanejos* (CORTEZ, 2004, p. 101). Não obstante se tratasse de uma publicação com conteúdo voltado ao entretenimento, ainda que com viés religioso, provavelmente cumpria também o papel de prover algum aprendizado doutrinal nas localidades mais interioranas, os chamados *sertões*, aonde os demais tipos de impressos e publicações protestantes chegassem com menos frequência e em menor quantidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variedade de formas e títulos publicados pelos protestantes prestou-se, entre outros fins, ao ensino doutrinário, como procuramos demonstrar nas páginas precedentes. As publicações de caráter didático - ainda que nem sempre se tratasse de textos com este único objetivo – permitiam às principais denominações distinguirem-se umas das outras, individuando-se diante dos possíveis conversos, e diante da religião majoritária no Brasil. Uma vez conquistados os adeptos, entrava em ação o aspecto aqui evidenciado: o pedagógico. Por meio dele, tratava-se de solidificar a adesão do convertido, não apenas ao protestantismo, mas à confissão específica à qual aderira. Para tanto, provia-se o conteúdo doutrinário por todos os meios impressos possíveis: jornais, revistas, folhetos e até almanaques. A doutrinação, por meio dos impressos didáticos, ao marcar a forma da relação com o outro e de conformação dos grupos protestantes, soma-se às demais práticas que constituem a cultura impressa protestante, que, por meio de seus impressos, delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos (CRUZ; PEIXOTO, 2009, p. 260), como pode ser visto nas páginas acima.

Ao inquirirmos a respeito das formas de produção e difusão dos impressos protestantes no Brasil daquele período, procuramos enfatizar que a produção didática foi parte constitutiva da formação de uma cultura impressa protestante no país. Ao não tomar, porém, os impressos como *objetos*, mas como *práticas culturais* (CEVASCO, 2001, p. 160), é que cada uma dessas etapas pôde ser pensada como constitutiva de uma cultura impressa protestante.

REFERÊNCIAS

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa protestante na primeira república**: evangelismo, informação e produção cultural - O Jornal Batista (1901-1922). Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**. A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1996. p. 208

BEDA, Ephraim. **Editoração Evangélica no Brasil**. Troncos, expoentes e modelos. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Comunicação). ECA, USP.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 47 e 51, 55 e 160

CORTEZ, Natanael. **A Sagrada peleja**. Fortaleza: UFC; Programa Editorial Casa José de Alencar, 2001. (Pesquisa e org. Paulo Viana).

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil**: até 1906. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa”. **Revista Projeto História. História e Imprensa**. 35 (2009), p. 260.

FENELON, D.; CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. C. Introdução. Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água. 2004.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Vol. 2. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-202. p. 50.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil** (Rio de Janeiro e São Paulo). Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.

_____. **Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Norte do Brasil**. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1980.

LONG, Eula Kennedy. **Do meu velho baú metodista**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã; Igreja Metodista do Brasil, 1968.

LYONS, Martin. Os Novos Leitores no Século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO; CHARTIER. (Org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Vol. 2. São Paulo: Ática, 2002, p. 165-202.

PLAMPIN, Carolyn Goodman. Educação religião e publicações. In: MEIN, David. (org.). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**: Primeira fase: 1855-1864. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941. 2 vols.

ROSSI, Agnelo, Pe. **Diretório Protestante no Brasil**. Campinas: Paulista, 1938.

RUSSEF, Ivan. A infância no Brasil pelos olhos de Monteiro Lobato. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 3. ed. rev. e amp. São Paulo/Bragança: Cortez; USF, 1997.

SELLARO, Lêda R. A. **Educação e Religião**. Colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. Recife, 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, UFPE.

SIMONTON, Ashbel Green. **Diário**: 1852-1856. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Bastidores da edição literária para crianças entre os anos 1920 e 1960. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). **Política, Nação e Edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa**: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). Tese de Doutorado (História). PUC-SP, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Madrid: Península, 1980.

